

Proposta de Redação

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema **“A valorização do esporte feminino no Brasil”**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

TEXTO I

A presença das mulheres no esporte vem se tornando cada vez maior em todas as modalidades, mesmo assim o preconceito contra as atletas e profissionais da área ainda é muito presente. E mesmo com o grande número de feitos e conquistas de atletas, a visibilidade e credibilidade delas é colocado diariamente em debate apenas pelo seu gênero. Um bom exemplo é o da jogadora Marta. Em dezembro de 2015, Marta passou Pelé e se tornou a maior artilheira da Seleção Brasileira, com 98 gols. O rei possui 95 gols em 114 jogos com a camisa amarela. Mesmo assim, não só a atacante como todas as meninas do futebol feminino sofrem com a falta de, entre outros fatores, visibilidade, patrocínio, apoio e o preconceito. E dentro do futebol, esporte historicamente voltado aos homens, as mulheres que se aventuram em exercer alguma função enfrentam diversos desafios.

De acordo com a socióloga Nathália Ziê, essa recusa que ainda existe da mulher dentro dos esportes faz parte do contexto sócio histórico, onde as mulheres foram destinadas ao espaço privado. “Por muito tempo estivemos lançadas a esse espaço, e aos poucos e duras penas estamos alcançando espaços públicos, como o

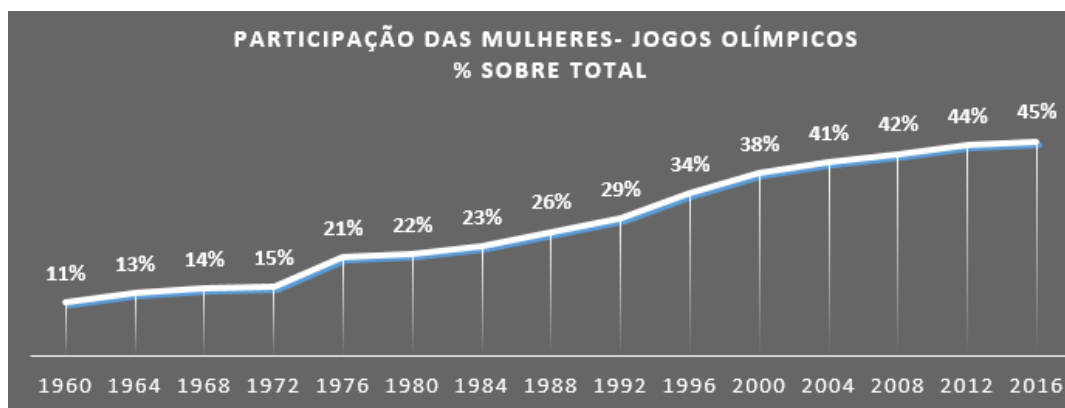
direito de votar, de competir. Isso se dá pelo esforço das mulheres. Na história do esporte no Brasil, em vários momentos as mulheres precisaram mentir sobre seu gênero para competir. Já houve lei que proibia mulheres de jogar futebol. Isso tem a ver com a nossa cultura”, explicou.

Segundo a socióloga, ainda existe um longo caminho a ser galgado pelas mulheres no espaço do esporte. “O universo dos esportes é muito masculino, e muitas vezes nós mulheres não somos levadas a sério. O mundo do futebol, por exemplo, é masculinizado e reproduzir o machismo, porque se pauta pelo sistema patriarcal. Tudo isso são fatores que impossibilitam uma projeção maior e aceitação do que as mulheres tem se proposto a fazer no esporte. Acredito que deve levar um tempo para que a sociedade absorva e olhe para essas mulheres de modo diferente e legitimando suas participações no espaço do esporte, independente da modalidade”, finalizou.

Disponível em:

<https://www.campograndenews.com.br/esportes/presenca-de-mulheres-no-esporte-cresce-mas-preconceito-nao-diminui>

TEXTO II



Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/rio2016-mulheres-no-esporte-uma-trajetoria-de-preconceito/>

TEXTO III

“Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. A frase está no artigo 54 do Decreto-lei 3199, de abril de 1941, época em que Getúlio Vargas governava o país de forma autoritária através do Estado Novo. Naquele ano, enquanto o futebol masculino brasileiro funcionava de forma profissional há quase uma década e a seleção já havia participado de três Copas do Mundo, a modalidade feminina tinha sua prática proibida por lei, com o Conselho Nacional de Desportos – criado pelo mesmo decreto – se baseando em argumentos supostamente científicos a respeito das “condições de natureza” das mulheres. A proibição só foi abolida em 1979, no período final da ditadura seguinte, comandada pelos militares.

Quarenta anos depois da permissão, o futebol feminino deu seu passo mais ousado no Brasil: a partir de 2019, todos os clubes da série A do campeonato brasileiro são obrigados pela CBF a terem uma equipe feminina adulta e uma de base, que disputem ao menos um campeonato oficial. A medida faz parte do Licenciamento de Clubes, documento que regula a temporada de competições profissionais no país, e segue a orientação da Conmebol, que adota a mesma regra para clubes participantes de Libertadores e Sul-Americana. Ao mesmo tempo em que visa aumentar a visibilidade da modalidade, trazendo os clubes mais populares do país para a categoria, a medida também coloca à frente da maioria dos cartolas brasileiros o desafio de tornar rentável um departamento de futebol que, até agora, traz mais déficits do que lucros. “Era uma necessidade do futebol feminino. Criamos duas divisões adultas (a primeira com 16 times e a segunda com 36) e uma de base, o que dá condições aos clubes de terem competições de bom nível”, justificou a CBF através de seu diretor de competições, Manoel Flores.

Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/deportes/1555012178_170838.html